

Ajuste pode abreviar a recessão, diz Langoni

Para o economista, BC terá de atuar em harmonia com políticos e apaziguar os Estados

JÔ GALAZI

RIO – Se o Banco Central atuar perfeitamente orquestrado com os políticos, o País poderá fazer um ajuste fiscal severo e sofrerá uma recessão que não ultrapassará a seis meses. No segundo semestre, estará pronto para crescer, empurrado pela redução das taxas de juros e pelo aumento das exportações, sem nenhuma ameaça à estabilidade de moeda.

Também é indispensável esvaziar a crise que se desenha entre os Estados e a Federação, provocada pela moratória declarada pelo governador de Minas Gerais, Itamar Franco. Caso não haja esse esvaziamento, a crise política vai somar-se à crise econômica, acabando com a grande diferença positiva que o Brasil ainda tem em relação às combalidas Rússia, Indonésia e Malásia, que vivem um desastre econômico e político ao mesmo tempo, um piorando o outro.

A análise é do ex-presidente do Banco Central, hoje diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Carlos Geraldo Langoni. “Se essa sintoma fina entre o BC e os políticos não existir, nem quero pensar no que nos acontecerá”, diz. Ao BC, explica, caberá operar cuidadosamente no mercado de câmbio e de juros e aos políticos, aprovar as medidas que permitam ao País substituir a âncora dos juros altos – que, em seu entender, não pode durar muito tempo – pela âncora fiscal.

De acordo com Langoni, é preciso que a taxa de câmbio não se torne errática, mas flutue em uma faixa de banda natural en-

tre R\$ 1,45 e R\$ 1,55, que, diz ele, poderá ser a faixa ideal para o câmbio a longo prazo. “Claro que, por razões extramercado, eventualmente a taxa pode ir além ou cair abaixo disso, porém é preciso que ela sempre convirja para a taxa de longo de prazo, que chegaria a até R\$ 1,55.”

Segundo Langoni, a taxa de câmbio de longo prazo é aquela capaz de permitir um déficit externo em conta corrente sustentável, ou seja, que possa ser coberto, integralmente ou quase isso, apenas com investimentos estrangeiros diretos. Hoje, lembra ele, o déficit em conta corrente no Brasil é de aproximadamente US\$ 36 bilhões e, como o País, tem capacidade de atrair investimentos no setor produtivo de US\$ 22 bilhões por ano, seu déficit tem de estar limitado a este valor.

REDUÇÃO DO JURO TAMBÉM DEPENDE DO ACERTO

Cortar US\$ 14 bilhões neste déficit, reconhece, “é uma coisa brutal” e, avalia, exigirá de um ano e meio a dois anos de esforço. A taxa de câmbio para este esforço deverá ser suficiente para elevar as exportações – e, frisa, o setor exportador, historicamente, leva em média seis meses para apresentar

os efeitos positivos de políticas cambiais favoráveis –, de forma a tornar a balança comercial francamente superavitária.

Essa taxa também deve ser alta o bastante para desestimular remessas desnecessárias de lucros e dividendos pelas empresas estrangeiras e diminuir o déficit na conta de turismo. A taxa que conseguir isso será a taxa de longo prazo do País, afirma ele, para quem, pelo menos em princípio, tudo indica estar ela na faixa de R\$ 1,45 a R\$ 1,55 por dólar.

Quanto a reduzir as taxas de juros para um nível de 15% a 20% ao ano, só fazendo antes o ajuste fiscal, para reduzir o déficit público da maneira consistente

Dólar é menos pressionado e fecha a R\$ 1,56

Com isso, a cotação da moeda norte-americana apresentou uma queda de 1,89% ontem

SERGIO LAMUCCI

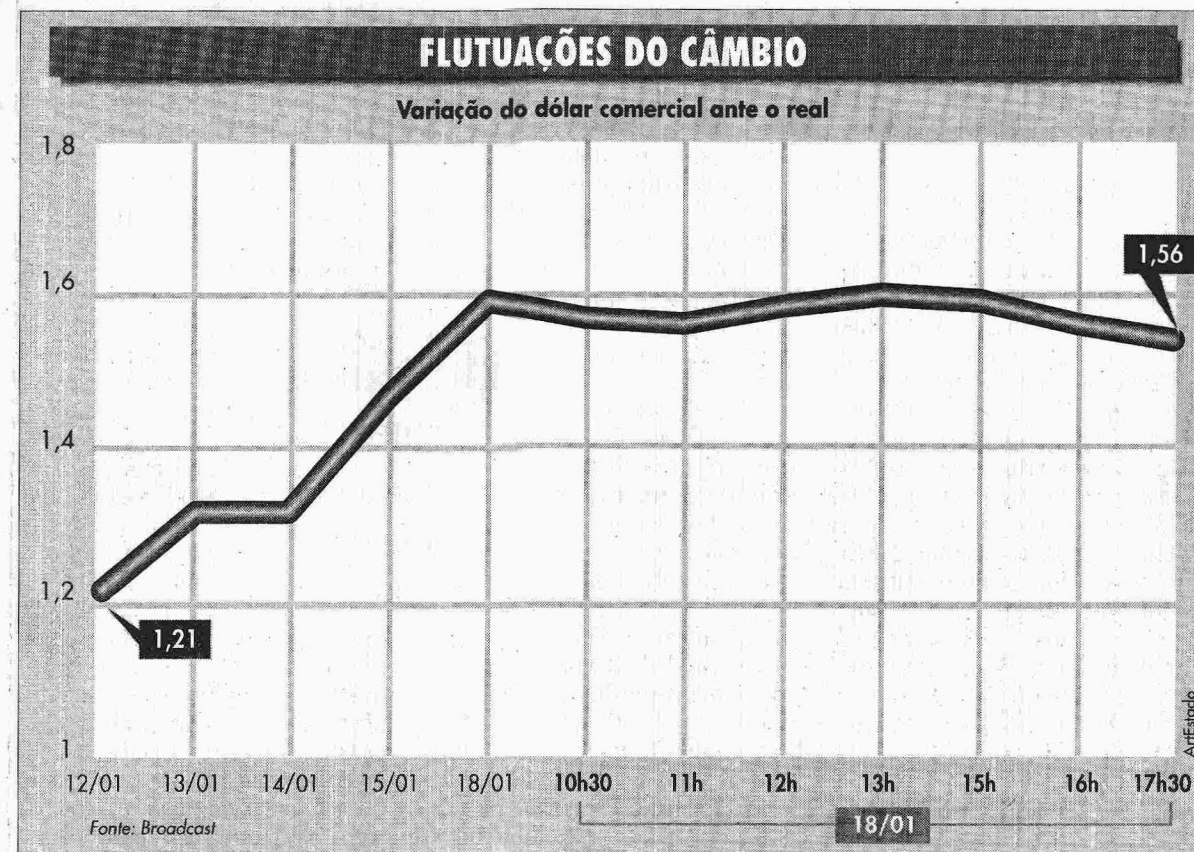
Os preços do dólar comercial recuaram ontem, num dia em que as cotações estiveram bem menos pressionadas que na véspera. A moeda norte-americana fechou a R\$ 1,56, ou 1,89% abaixo do R\$ 1,59 da segunda. Com a queda do valor do dólar, a desvalorização do real desde quarta-feira passada encolheu de 23,82% para 22,36%. Mas, se a pressão foi menor, os operadores notaram que ainda houve muita volatilidade. O dólar comercial chegou a ser vendido entre R\$ 1,51 e R\$ 1,60 durante o dia.

Os analistas apontaram a expectativa de um fluxo cambial equilibrado ou levemente negativo (ler ao lado) como uma das razões para a menor pressão sobre o comercial. Além disso, empresas exportadoras também começaram a fechar operações de Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC).

Na sexta e segunda-feira, os exportadores evitavam fechar contratos de ACCs, na expectativa de que a cotação do dólar avançasse. A elevação do juro pelo BC, que estimulou recursos ao mercado a 32% ao ano, estimula essas operações, já que a remuneração para o exportador fica mais atraente.

O parcial destravamento dos negócios com dólar futuro na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F) também contribuiu para diminuir a pressão sobre o dólar comercial no mercado à vista. Segundo operadores, isso permite que os investidores façam operações de

PONTO DE EQUILÍBRIO AINDA É INCERTO



hedge (proteção) no mercado futuro de câmbio, o que reduz a procura pela moeda norte-americana no mercado à vista. Fazer hedge no mercado futuro é bem mais barato do que no mercado à vista.

Um diretor de um banco estrangeiro ressaltou que ainda há alguns bancos com muitos dólares em carteira, comprados antes da desvalorização do real. Parte dessas instituições vendeu esses recursos, aumentando a oferta de dólares.

Pedro Thomazoni, diretor do Lloyds Bank, entende que é prematuro dizer que o dólar está perto do ponto de equilíbrio. Para ele, é preciso que o País recupere a credibilidade para que isso ocorra. Os investidores continuam de olho na tramitação das medidas de ajuste fiscal no Congresso. Além disso, será preciso renegociar as metas do acordo com o FMI. E também é fundamental que a balança comercial comece a melhorar, diz ele.